

Roteiro de campo: O apagamento da diáspora negra no bairro da Liberdade de São Paulo

Pesquisa elaborada por: Mateus de Sousa Nonato
Orientadora: Dra Profa. Dra Paula Cristiane Strina Juliasz.
Projeto de Iniciação científica fomentado pela Fapesp
(Nºprocesso 2022/07875-1)



Objetivo do trabalho de campo:

- 1) Analisar as transformações urbanas no centro histórico da cidade de São Paulo;
- 2) Observar os vestígios visíveis e invisíveis da escravidão no bairro da Liberdade (São Paulo - SP);
- 3) Mobilizar reflexões sobre o apagamento da população negra e o racismo na cidade de São Paulo;
- 4) Analisar as paisagens do bairro da Liberdade e seus contrastes materiais e imateriais;
- 5) Compreender a geomorfologia do bairro da Liberdade e a ocupação e produção do espaço urbano.

Concepção didático-pedagógica:

Prática social: Compreensão da materialidade e imaterialidade da produção do espaço urbano.

Problematização: O apagamento da população negra na paisagem como forma de mobilizar a Educação Antirracista no estudo do espaço urbano nas aulas de Geografia.

Instrumentalização: conceitos geográficos - paisagem e território; conceitos espaciais - localização, forma, estrutura, função e processo; conceitos sócio-raciais - diáspora negra, racismo.

Catarse: Reconhecer a população negra como parte constituinte do bairro Liberdade e os processos de violência e apagamento.

Material necessário

- Smartphone para fotografia e com a mídia locativa Wikiloc (aplicativo que permite inserção de foto em pontos georreferenciados) instalada no aparelho;
- Caderneta de campo e lápis;
- Fotos, mapas e plantas antigas da cidade de São Paulo;

Atividade de campo

- Aula dialogada durante o trabalho de campo;
- Orientação sobre o uso da caderneta de campo;
- Falas expositivas de representantes de grupos sociais, por exemplo a União dos Amigos da Capela dos Afilitos (UNAMCA);
- Descrição das paisagens observadas;
- Registro fotográfico para exibir diferentes pontos de vista na mídia locativa Wikiloc;
- Identificação dos geossímbolos¹ visíveis e invisíveis por meio das observações.

¹ Os geossímbolos são a representação subjetiva dos indivíduos marcada na cidade, ou seja, o precursor de políticas, religiosidades, culturas, etnias, raças, entre outros. A produção de símbolos na cidade de São Paulo é expressa por meio de gravuras determinadas por delimitação de territórios, por exemplo, o antigo Morro da Forca utilizado como símbolo da morte, e atualmente estando localizado na praça África-Japão tendo como símbolos a estátua da madrinha Eunice representando a escola de samba Lavapés e a imigração japonesa em São Paulo. Os símbolos são expressões, linguagens de resistência ao espaço urbano.

Aspectos gerais no território do bairro da Liberdade

1º Ponto do campo - praça Liberdade África-Japão², o Morro da Forca e a escola de samba Lavapés

A antiga Forca fundado no século XVI, era o lugar de execução de negros e indígenas escravizados em praça pública na cidade de São Paulo. Em destaque do terreno íngreme, o Morro da Forca tinha destaque visual de amplitude em toda a cidade, assim os enforcamentos eram vistos de vários pontos distintos da cidade. A Forca deixou de ser utilizada no final do século XIX, entretanto figuras públicas marcaram o território da Liberdade como as lideranças da revolta contra a coroa portuguesa em 1821. Os líderes desta revolta foram Francisco José das Chagas, conhecido como “Chaguinhas”, e Joaquim Cotindiba.

Em paralelo, o nascimento do samba paulista se deu no interior de São Paulo, por meio das lavouras de café praticados por negros escravizados no começo do século XIX. Por volta do final do século XIX, os negros foram para o centro da cidade devido a mudanças da mão de obra. Com isso, o batuque praticado nas lavouras foi trazido para a cidade tendo grande destaque nos festejos da cidade de Pirapora. O grande movimento de negros na capital paulista induziu no aumento populacional nos territórios tradicionais afro-brasileiro. Para mais, o samba paulista obteve grande influência nas manifestações culturais da cidade do Rio de Janeiro, principalmente nas tradições carnavalescas e o famoso samba-enredo. Desse modo, o surgimento da Escola de Samba Lavapés em 1937, fundada pela Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice. Era muito comum no início do século XX, as escolas de sambas, Barra Funda, Vai-Vai e Lavapés de forma comunitária fazerem festas, reuniões, eventos para negros recém chegados do interior para congregação. Todavia, políticas públicas do século XX, por exemplo, o projeto paisagístico ásiatico do bairro da Liberdade, modernização da cidade pelo Plano Prestes Maia, e a especulação imobiliária o Estado expulsou a população negra de forma silenciosa das áreas centrais da cidade.

Como atividade neste primeiro ponto, com os objetivos de analisar as transformações urbanas no centro histórico da cidade de São Paulo e mobilizar reflexões sobre o apagamento da população negra e o racismo na cidade de São Paulo, faremos a observação das edificações e das representações culturais na praça. Como registro, propomos um croqui, bem como registro fotográfico.

2º Ponto do campo - Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a clemência de injustiças

Em setembro de 1821, logo após o enforcamento dos soldados mencionados no primeiro ponto do trabalho de campo, a cidade ficou de luto, historiadores relatam que velas foram acesas ao pé de uma cruz (lugar que corresponde hoje ao início da Avenida da Liberdade, próximo às ruas Rodrigo Silva e Carlos Gomes), e uma mesa com oferendas foi posta em frente ao Morro da Forca. Por isso, o surgimento da Igreja Santa Cruz das

² Praça da Liberdade na cidade de São Paulo tem nome alterado para preservação da memória negra, acesso a notícia no [link](#).

Almas dos Enforcados em 1897. A igreja é a memória grafada na paisagem, uma vez que inscreve-se na morfologia territorial a simbologia do perdão, mantendo as tradições e a vivência negra no conjunto urbano social.

Como objetivo da atividade neste segundo ponto, destacamos a atenção ao entorno e dentro da igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, como proposta de justaposição de signos religiosos, entre o catolicismo e crenças e saberes de origem africana. Como registro, propomos um croqui, registro fotográfico e a nomeação das antigas igrejas na cidade de São Paulo pintadas nas paredes da igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

3º Ponto do campo - Igreja São Gonçalo e as irmandades negra

Na colonização, a religião era uma ferramenta para a comodidade da sociedade, entretanto as irmandades faziam parte do cotidiano, seja pela inserção do indivíduo na comunidade, comemorações de festas e reuniões. As irmandades por volta do século XVI eram caracterizadas pela sua autonomia internas ou externas, porém seguindo os dogmas da igreja católica. No entanto, as irmandades negras se congregavam por homens e santos negros, a igreja/irmandade mais famosa é a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, atualmente localizado no Largo Paissandu. Os negros adotaram os patronos da Santa Efigenia, São Benedito, Santo Antonio, São Gonçalo e Santo Onofre trazendo uma crítica contra o embraquecimento dos santos. Além disso, as igrejas dos Remédios (ponto 5) e a igreja de São Gonçalo eram espaços religiosos importante ao acolhimento de escravizados fugitivos.

As irmandades na cidade de São Paulo tiveram um grande destaque em 1850 quando tiveram um movimento diaspórico no sudeste do país por conta da lei Eusebio de Queiroz que proibia o tráfico negreiro. A igreja católica aceitou as irmandades negra desde que se adaptasse ao catolicismo. Os africanos (na cidade de São Paulo eram os descendentes do povo Bantu) adotavam suas tradições dentro da igreja, por exemplo a coroação dos reis e rainhas que passavam a ser eleitos.

Como atividade do último ponto do trabalho de campo, destacamos a importância das irmandades negras na cidade e a homenagem ao arquiteto ex-escravizado Tebas.

4º Ponto do campo - Fórum Dr. João Mendes e o antigo pelourinho da cidade

O Estado nos séculos XVI-XIX, necessitava de uma organização territorial no bairro da Liberdade para prevalecer o seu poder, de modo que pautou-se nos instrumentos da religiosidade, criminalidade, punição e execução. O pelourinho era o exemplo de punição em público e a representação do Estado para a manutenção do sistema escravista. Por volta do século XVI, o pelourinho foi instalado no planalto paulista e a constante mudança de localização, até a fixação no Largo da Forca da atual praça Dr. João Mendes. O pelourinho era

utilizado em pessoas negras, escravizados, indígenas e libertas em função da economia popular, ou seja, qualquer tipo de roubo em comércios o Estado interviria por meio da punição física em praça pública. Não se sabe quando o pelourinho foi desativado, porém pesquisadores afirmam no começo do século XIX. Hoje, como ponto de referência atual da memória do pelourinho, uma placa do Departamento do Patrimônio Histórico Municipal de São Paulo (DPH) que passa despercebido numa discreta saída de ar do metrô.

Como atividade deste quarto ponto, observamos a formação territorial dos séculos XVI-XIX como instrumento de religiosidade, criminalidade, punição e execução. Faremos a observação dos edifícios, as ruas e o sinal punitivo da cidade expressado pela placa do Departamento do Patrimônio Histórico Municipal de São Paulo (DPH). Como registro, propomos um croqui e registro fotográfico.

5º Ponto do campo - Praça Dr. João Mendes e a antiga Igreja abolicionista Nossa Senhora dos Remédios

A antiga Igreja dos Remédios obteve um destaque importante para o movimento abolicionista no final do século XIX, em razão do acolhimento aos escravizados que fugiam das fazendas ou da marginalização suburbana da cidade de São Paulo. A igreja também teve grande relevância na luta abolicionista, por meio do jornal local “A Redenção” e pela fundação da escola para os primeiros negros sancionados pela Lei do Vento Livre. Todavia, essa paisagem foi alterada por consequência do Plano de Avenidas planejado pelo prefeito Francisco Prestes Maia e Ulhôa Cintra nas décadas de 1920 e 1930. A igreja foi demolida. Para executar de forma planejada essas alterações no espaço urbano, tinha-se a ideia de “modernização europeia”, com modelos de cidades como Paris, Moscou e Berlim. Devido à dinâmica de crescimento da cidade de São Paulo, o Plano de Avenidas tinha como objetivo o alargamento e a fixação de grandes avenidas, dispondo os automóveis como veículo principal. A ilusória modernização de São Paulo foi contra a preservação do espaço, a questão religiosa, o arranjo cultural e a existência do movimento abolicionista presentes no espaço-tempo.

Como atividade deste quinto ponto, observamos as paisagens materiais e imateriais que perpetuaram na formação do bairro da Liberdade, e como as políticas de Estado nas décadas de 1920-1930 apagaram o movimento abolicionista na cidade de São Paulo. Como registro, propomos um croqui e registro fotográfico.

6º Ponto do campo - O Cemitério e a Capela dos Aflitos como movimento negro

O primeiro cemitério público da cidade de São Paulo, fundado em 1775, e a Capela dos Aflitos, fundada em 1779, contribuem para a reflexão sobre o reconhecimento da reparação histórica e da luta pela preservação da memória na própria paisagem. O cemitério era voltado para o enterro de negros escravizados e indígenas até o ano de 1858. Recentemente, em 2018, vestígios desse passado foram encontrados, o que levantou a preocupação de diferentes setores da sociedade à preservação da história e da memória de uma população e da

própria construção da cidade. Essa atenção se faz presente, por se tratar de uma área com intensas mudanças urbanas e interesses imobiliários. Na paisagem, observamos a forma histórico-espacial dos negros e nativos esmagada pelas ruas e vielas, por conta de loteamento do terreno no bairro, resultado do planejamento urbanístico do final da década de 1960 até 1973 e da turistificação na paisagem, em função do Estado. Atualmente, a Capela dos Aflitos é centro de representação de movimentos sociais como os indígenas e negros, representado pela Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA) para preservação do patrimônio cultural, restauração da Capela, e a mobilização popular e educacional.

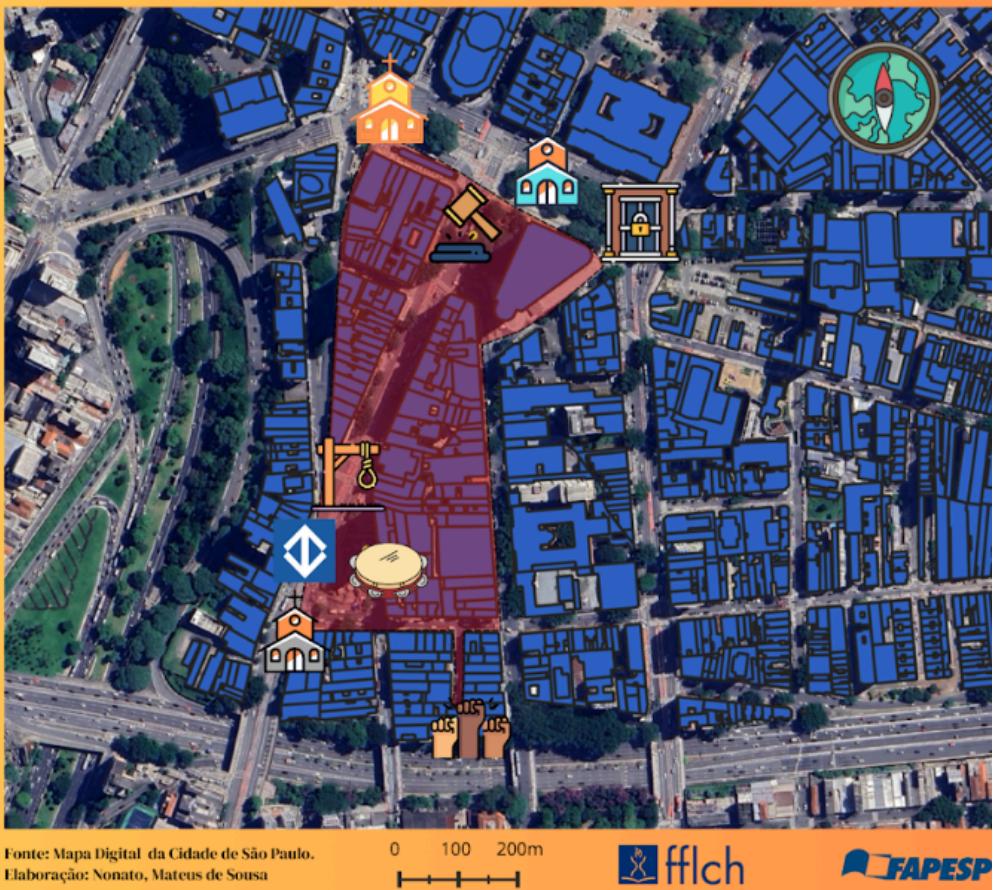
Como atividade deste terceiro ponto, temos dois objetivos: analisar as transformações da paisagem na cidade de São Paulo e as políticas de Estado para o esquecimento da escravidão; e a contrapartida para o entendimento da verdadeira paisagem e a importância do movimento negro como educador. Como registro, propomos um croqui, registro fotográfico e a história do santo popular “Chaguinhas”.

Formas de avaliação:

Os mapas mentais, possibilita que o sujeito estude locais conhecidos ou inexplorável. O mapa podem ser utilizados no raciocínio geográfico, habilidade espacial, e problematização sobre aquele local. A representação e raciocínio geográfico utilizando-se do mapa mental, o desenho se torna particular de cada aluno por conta da experiência individual naquele espaço. As relações associadas aos objetos urbanos semelhantes ao plano do papel como edifícios, a praça da Liberdade, ruas que interligam os pontos do roteiro, transportes na avenida principal em frente ao metrô, a estátua da Madrinha Eunice, desenhar o cemitério dos Aflitos entre outros demonstra a importância dos patrimônios culturais materiais e imateriais dos vestígios do território negro no bairro, é necessário reconhecer os apagamentos, mapeá-los e criar condições para que possamos ensiná-los em sala de aula. Portanto, observar os mapas mentais dos estudantes é entrar em contato com as representações gráficas e mentais sobre o espaço e o conteúdo problematizado.

Após a realização do trabalho de campo, os professores poderão propor a elaboração de mapas mentais (Melo, 2023; Nonato, 2024) sobre o roteiro de campo (imagem logo abaixo) destacando na legenda símbolos da escravidão em São Paulo e símbolos da cultura afrobrasileira pertinentes no bairro da Liberdade.

O território da diáspora negra no bairro da Liberdade



Referência para o estudo do campo

- ATIQUE, Fernando; GONÇALVES, Cristiane Souza. *Igreja Nossa Senhora dos Remédios: protagonismo e invisibilidades no centro de São Paulo*. Belo Horizonte, 2019.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. Liberdade e punição: o que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 74–92, jun. 2021.
- LOPES, Claudivan; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. *Geografia*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 173–191, 2009.
- MELO, I. B. N. de; MELO, E. P. C. B. N. de. O uso do mapa mental no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e56[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s17336.
- NONATO, Mateus de Sousa; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. O apagamento da diáspora negra no bairro da Liberdade em São Paulo: o trabalho de campo no ensino de Geografia. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 8., 2023, Campinas. *Anais...* Campinas - São Paulo: Unicamp, 2023.
- NONATO, M. de S.; MEDEIROS, A. K. M. de; JULIASZ, P. C. S. As representações cartográficas e o trabalho de campo no ensino de Geografia: o estudo da diáspora africana no bairro da Liberdade em São Paulo. **Revista Signos Geográficos**, [S. l.], v. 6, p. 1–19, 2024. DOI: 10.5216/signos.v6.80996.
- OLIVEIRA, Patricia Cristina Rodrigues de. *Tortura, punição e morte: os lugares de memória e consciência da escravidão na cidade de São Paulo (1554-1954)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2020.
- QUINTAO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência, 1870-1890*. 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- RODRIGUES, Denise dos Santos. *Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra*. 2021. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- SACRAMENTO, A. C. R. A mediação didática do estudo da cidade e o trabalho de campo: diferentes formas de ensinar Geografia. In: CASTELLAR, Sonia (org.). *Geografia escolar: contextualizando a sala de aula*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1, p. 103–118.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, [S. l.], n. 63, p. 16–35, 2004.